

**VEREADOR VALTER NAGELSTEIN (MDB) – Comunicação de**

Líder: Sr. Presidente, Srs. Vereadores, quero cumprimentar o Sindicato dos Trabalhadores da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos, suas concessionárias, permissionárias, franqueadas, coligadas, subsidiárias, terceirizadas no Estado do Rio Grande do Sul e ao Alexandre dos Santos Nunes, que é o Secretário-Geral. É óbvio que o que eu vou gizar aqui, é realidade desta Casa, aqui é um parlamento, são 36 vereadores, e nós temos visões ideológicas

diferentes. Mesmo o meu partido, o MDB, tem expoentes na centro-esquerda e expoentes na centro-direita, somos um partido de centro. Temos o Requião, por exemplo, de um lado, Governador do Paraná, é um homem de centro-esquerda. Temos o Jader Barbalho, lá em cima, no Pará; temos, no Recife, o Senador Jarbas Vasconcelos, um homem de centro-esquerda; temos o Senador Pedro Simon aqui, um homem historicamente de centro-esquerda, temos expoentes mais à direita, aqui em Santa Catarina, já tivemos governadores, mas eu quero me prender à atual quadra histórica. Primeiro, com todo o respeito ao Alexandre e aos seus companheiros de sindicato, como ele se referiu aqui, fica evidente, na fala do Ver. Robaina – e tem todo o direito de ser assim –, que há uma ligação, um imbricamento ideológico que une o sindicato que aqui está com o PSOL, pois se referiu aos representantes sindicais como seus companheiros e volto a dizer: tem todo o direito. Eu acho que há setores diferentes aqui da sociedade e cada um é representado aqui nas diversas bancadas. Concordo, em parte, com meu colega Professor Wambert, que o discurso está defasado, embora eu respeite o direito do vereador, mas falar em patronato, falar em grande burguesia, falar da causa dos trabalhadores, isso me remete ao manifesto comunista lá de 1917; e nós estamos em 2019, já se passaram 102 anos e as experiências socialistas e comunistas foram derrotadas pela história. Aliás, subsistem aqui na América Latina e na Coréia do Norte, e, mais recentemente, aliás, a Península Coreana é o único experimento onde hoje se pode comparar a experiência capitalista e a experiência socialista. O que aconteceu? Os coreanos do Sul, além de serem mais educados, são fisicamente mais rígidos, inclusive mais altos, mais fortes, vivem mais, são mais alfabetizados. Por quê? Porque, na prática, comparando essas duas, se constatou que, infelizmente, o socialismo não dá certo. Por melhores intenções que a gente tenha, por melhores propósitos que se tenha, foi uma ideologia e uma utopia que foram

derrotadas pela história. Mas eu respeito o direito do companheiro Robaina de professar aqui as suas ideias. Acho que em relação à questão do sindicato e da empresa, eu quero me reportar à CRT aqui, como eu a conheci. E quero lembrar que, depois de ter acabado a CRT, pelo fato de ela ter acabado não acabaram os direitos dos trabalhadores vinculados à CRT. Meu pai era chefe da Casa Civil aqui, quando começou essa discussão em 1991. A CRT foi privatizada. Hoje nós temos todas as empresas e estamos na iminência de acabar, inclusive, com a telefonia fixa, por força da disrupção, das novas tecnologias. Hoje tem Claro, tem Vivo, tem Tim, tem Oi e outras tantas empresas. Acabaram os direitos dos trabalhadores na telefonia, inclusive aqui dos sindicalistas que eu conheci? Claro que não. Eu não quero ir tão longe em falar de corrupção na questão dos Correios, porque realmente eu não tenho notícia disso. Agora, Ver. Cecchim, eu tenho notícias de serviço mal prestado. Eu acho que nós podemos atestar isso infelizmente e talvez a categoria tenha que levar isso também como ensinamento. Eleições, por exemplo, que é uma coisa que a gente faz aqui. Chega em época de eleição, tu vais contratar os Correios – eu contrato os Correios para isso –, a gente posta, dá uma greve bem na eleição, e se gasta aí R\$ 10 mil, R\$ 15 mil para mandar carta e a carta não chega! Por duas vezes isso aconteceu comigo! Então, é um testemunho de um serviço mal prestado.

Nós estamos na era das compras digitais. Nós compramos alguma coisa, pela Internet, que venha de outro país. Olha, quando vem da China até chegar ao Brasil, vem em uma semana; quando está no Brasil, leva três meses para chegar à casa da gente. E o cara olha lá no sistema, está no centro de distribuição de São Paulo, fica parado lá por dois meses; vem para o centro de distribuição daqui e fica parado não sei mais quanto tempo; vai para a sucursal, fica parado mais. Não é possível que num mundo com Federal Express, com outras formas de *courier* eletrônico, vereador, e de compras digitais que a gente esteja trabalhando nessa outra lógica! Então, é óbvio que tudo isso serve para que se tenha paradigma, para que se tenha *benchmarking*, para que se olhe e diga o seguinte: “Bom, eu não quero desse jeito”. A gente entende que o sindicato defenda os interesses da corporação e da carreira, é legítimo, está no papel do sindicato. Agora, é um interesse da sociedade como um todo? É isso o que a gente precisa se perguntar. Respondendo a essa pergunta, nós temos que saber o seguinte: se essa empresa for privatizada como foi a CRT, como vai ser, na sua totalidade, a CEEE, aquele que é o

destinatário desse serviço, porque não é somente o trabalhador da empresa que tem que ser respeitado, porque não é somente o sindicato que tem que ser respeitado, mas aquele que é o destinatário desse serviço que é o cidadão, que é o Valter, que é a Lourdes, que é o Wambert, que é o Freitas, que é o Conceição, que é qualquer um de nós, que é o usuário do serviço dos Correios – esse vai ser prejudicado ou não? É isso o que me interessa saber. Se tem um serviço... Eu tenho o maior respeito pelo postinho que está aqui embaixo, que deve ser um franqueado. Tenho o maior respeito pelos trabalhadores que estão ali trabalhando. Há também os terceirizados que estão aqui e certamente estão numa situação muito desigual com relação aos funcionários de carreira, tenho respeito por todos! Agora, a pergunta que eu faço é essa: em se privatizando, será que o destinatário do serviço vai ser prejudicado? Essa é a grande pergunta que nós temos que nos responder para saber se nós somos favoráveis ou se nós somos contrários, sem qualquer tipo de preconceito. E onde pode existir o preconceito? O preconceito pode existir naquele que acha que as coisas têm que ser só estatais, ou naquele outro, do outro lado, que acha que as coisas têm que ser só privadas. Eu não estou em nenhum desses dois extremos. Estou na posição que acha que o Estado tem que ser muito menor, sim; que o Estado tem que ser muito mais eficiente, sim; e que o Estado tem que responder àqueles que o sustentam. Quem são os que sustentam o Estado? São aqueles que pagam impostos, cada vez maiores, para sustentar o Estado, infelizmente cada vez mais paquidérmico, cada vez menos eficiente, cada vez mais custoso. Não é isso que a gente quer. A gente quer segurança, a gente quer educação, a gente quer saúde – essa, sim, que de fato funcione para as pessoas que precisam. Muito obrigado.

(Texto sem revisão.)